





IGREJA
DE SANTA
MARIA
DE VEADE
CELORICO DE BASTO

IGREJA
DE SANTA
MARIA
DE VEADE
CELORICO DE BASTO



Planta.

SUMÁRIO HISTÓRICO



Fachada oriental.

Como demonstra, ainda que indiretamente, o autor do artigo “Veade”, publicado na *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, a presente Igreja é herdeira de profundas transformações que entrecruzam as vicissitudes de várias instituições e agentes (Correia et al., 1965: 391-393). Tais mudanças começaram na Idade Média, mas estas ocorrências prevalecem apenas na documentação remanescente, já que o templo contemporâneo narra uma história bastante posterior.

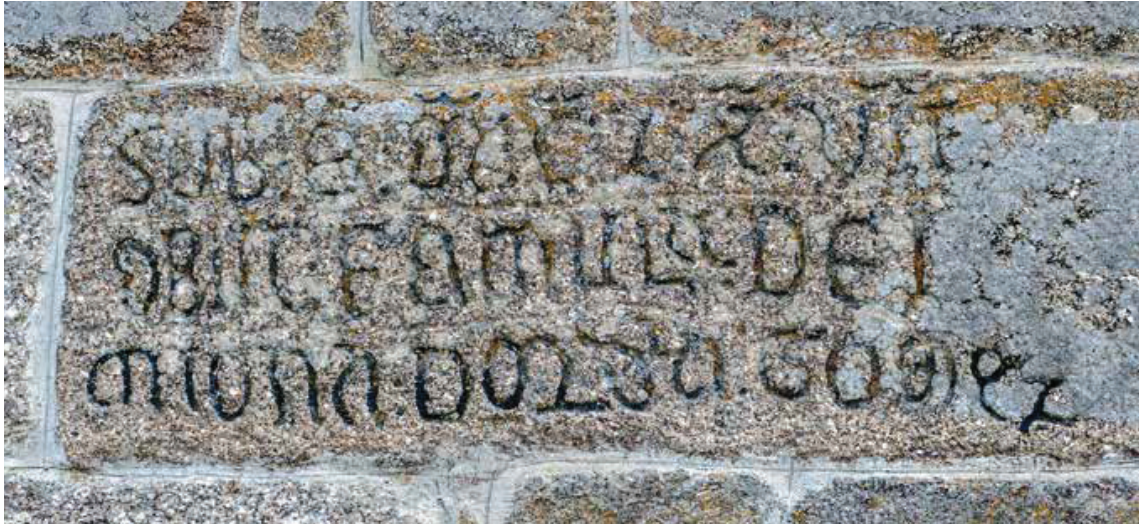
Efetivamente, a velha Igreja medieval – provável ermida ou eremitério¹ – ter-se-á fundado em propriedade familiar que, no século XIII, se vinculava ao senhorio da estirpe ou linhagem dos Guedeões. Disso pode bem ser testemunho a inscrição que, gravada num silhar de granito foi embutida na parede norte da nave da Igreja, junto ao portal, do seu lado esquerdo (Barroca, 2000: 267-271): SUB : Era : M^a : C^a2 : X^a : VII^a / OBIIT : FAMULA : DEI / MIONA : DOLDIA : GOMEZ².



Vista aérea.

1 No século XVI, João de Barros (1919: 77) ainda fazia eco desta tradição, dizendo que a “Comenda de Biade, que he de São João de Rhodes, [...] foi iá mosteiro, em outro tempo, de Monges”. E acrescenta, em tom crítico, “e segundo a informação que tenho, creio que os primeiros que ordenarão de tirar os Monges a alguns destes Mosteiros forão os Templarios, que forão dotados para seu sustentamento, e elles, não contentes de que lhes derão, quizerão mais, e por isso perderão tudo no tempo do Papa Clemente quinto (...)”.

2 Nela lê-se: Sub Era 1197 Obit Flamula Dei Miona Doldia Gomez. Ou seja, se na Idade Média o “2” invertido é lido como cinco e o “X” aspado corresponde a 40 por derivar de uma ligação do número romano XL, então devemos somar ambas as numerações, obtendo-se assim o ano de 90. Subtraindo-se os 38 anos de regra para transposição da Era de César para a do Nascimento de Cristo, obtemos então o ano de 1159.



Fachada norte. Nave. Inscrição funerária de D. Dórdia Gomes.

Trata-se da inscrição funerária de D. Dórdia Gomes que, por ser aqui referida como “Miona”, seria pessoa de alto posicionamento social (Barroca, 2000: 267-271). Conforme nos explica Mário Barroca, as designações “Miona”, “Miana” ou “Meana”, derivam da expressão “mea domina” ou “mea domna” e que foram usadas, apenas, num muito restrito grupo de mulheres ricas-donas do século XII ou XIII. Ao alto estatuto social juntava-se a piedade por terem estado muitas vezes envolvidas na fundação de casas monásticas. Tendo, pois, falecido em 1159, é possível que D. Dórdia estivesse de alguma forma relacionada com as origens da instituição monástica que as *Inquirições de 1220* designam como “monasterium de Bialdi”, embora a Igreja de Veade fosse já ao tempo um templo paroquial.

É bem possível que esta D. Dórdia Gomes, sobre quem mais nada se sabe, fosse a filha de D. Gomes Mendes Guedeão, do seu primeiro casamento com D. Chamoá Mendes de Sousa, a julgar pelo seu patronímico, muito embora não haja qualquer referência à referida Dórdia nos livros de linhagens nem se tenha encontrado qualquer ligação segura entre ela e a família dos Guedeões (Barroca, 2000: 269). Uma outra hipótese, que não suscita qualquer incompatibilidade cronológica, mas colocaria problemas de coerência geográfica com o enterramento de D. Dórdia Gomes em Veade, em 1159, é a de poder tratar-se da mulher de D. Garcia Rodrigues, senhor do amplo couto de Leomil³. Hipótese geograficamente possível é a sugestão que Mário Barroca faz de estarmos diante da Dórdia Gomes que, juntamente com seu marido “Carciaro” Honorigues, comprou um quarto da herdade de Canedo a Elvira Teles, na freguesia de Celorico de Basto, conforme escritura datada de 12 de dezembro de 1100, muito embora estejamos diante de um grande intervalo cronológico entre o diploma (1100) e a data do óbito (Barroca, 2000: 270).

³ Mário Barroca (2000: 269-270) tende mais para identificar a mulher de Garcia Rodrigues como homónima da “Miona” sepultada em Veade, em 1159.

Apesar da obscuridade que ainda paira em torno desta figura feminina, que se fez sepultar em Veade⁴, há uma referência posterior que não pode deixar de lhe ser associada. Nas *Inquirições de 1258*⁵ é referido o nome de D. Dórdia Peres de Aguiar, mais conhecida por ser a mãe do mestre de Santiago, D. Peres Paio Correia. Esta senhora da nobreza regional era trineta do primeiro da linhagem dos Guedeões ou Guedaz, cuja área de domínio se situava entre o Douro, Minho e Trás-os-Montes, como salienta José Augusto de Sotomayor-Pizarro (1997: 58), que desenvolveu um dos ramos desta poderosa família.

Por certo parente da mesma D. Dórdia foi o cónego Gomes Alvites que, antes de 1258, inusitadamente vendeu a Igreja e todos os casais à ordem do Hospital. Conhecendo o sistema das igrejas próprias, que vinculavam direitos e bens aos descendentes de certo fundador, é com estranheza que vemos um único indivíduo a tomar o controlo de um vasto pecúlio que deveria estar na posse de vários⁶. Contudo, como refere o autor do citado verbete, “com justa posse ou sem ela, certo é que o cónego deu tudo à ordem hospitalária “ut quitaret eam de debitis quas debetat”, isto é, para pagamento de dívidas, recebendo da Ordem a devida soma” (Correia et al., 1965). O prestígio desta instituição decerto atenuou o crime, sendo assim consumado o contrato e selado o destino da Igreja e paróquia de Veade.

A Igreja, primeiramente templo menor que as inquirições afonsinas definem como “monasterium de Bialdi”, constituiria uma ermida com servidões para os eremitas, tipologia comum aos primeiros cenóbios familiares, uns ocupados pelos próprios familiares, outros entregues à gestão de estranhos devotados à vida em solidão ou em pequenos grupos⁷.

É provável que à ermida tenha sucedido uma construção maior e mais nobre, devida talvez à intervenção dos Guedeões, nomeadamente por mão de Gomes Alvites, ligado ao clero bracarense, da qual remanescem significativos trechos integrados na fábrica atual. Todavia, o investimento mais notável no espaço eclesial será posteriormente da responsabilidade dos comendadores da Moura Morta, a quem cabia a recolha dos frutos e a apresentação do prior ou vigário da matriz e, mais tarde, do cura da filial, anexa ou sufragânea⁸. Como esclarece o autor da *Memória Paroquial de 1758*, “a fabrica da Matris e Anexa e Igrejas corre tudo por conta e despeza dos Padroeiros” (Lopes, 2005). Estes, representados pelo comendador, não se coibiram de deixar a sua marca e símbolos de autoridade e prestígio. Talvez pela necessidade de racionalizar a gestão do património comendatário, disperso e vasto, Veade uniu-se à comenda de Moura Morta. Paróquia hoje do termo do Peso da Régua, sedeou-se aqui uma das comendas de Malta que, no século XVII, rendia 113\$352 réis, benefício então entregue a Dom Luís Coutinho (Falcão, 1859).

4 Nas proximidades da Igreja, a sul do adro, existem duas caixas de sepultura medievais que cumprem hoje funções de reservatórios de água. No entanto, a sua existência chama-nos a atenção para a importância que teve a Igreja de Veade para as pessoas que nela se fizeram sepultar durante a época românica.

5 Publicadas e transcritas por Lopes (2008: 220).

6 José Anastácio de Figueiredo (1800: 502-503) cita vários nomes, extraídos da documentação do balio de Leça, de familiares desta Igreja, abdicando dos seus direitos sobre a mesma. Atente-se que as próprias inquirições referem os “nepotes Domne Durdie” enquanto detentores, certamente por via de herança, dos direitos da freguesia de Veade (Barroca, 2000: 270).

7 Embora sobre este tipo de estrutura conheçamos ainda pouco, sugerimos a leitura de Maciel (1998).

8 São Tiago de Gagos que ainda no século XVIII funcionava como comatriz: “Santa Maria de Veade, Commenda de Malta unida à de Moura Morta, tem Vigairo, com o Habito da Ordem, (que apresenta o Commendador) o qual diz Missa nesta Igreja dous Domingos, & hum na de Gagos, que ambas estão unidas para os freguees irem nestes dias ouvilla a huma, ou outra parte, aonde o vagario vay dizella (...)” (Costa, 1706-1712: 146).

Dentre os comendadores de Veade destacamos o nome de Diogo de Melo Pereira (fal. 1666) que mandou edificar as Casas da Comenda, em 1641, como atesta a inscrição sob a pedra de armas⁹: ESTAS CAZAS MAN/ DOU FAZ[ER] O COM[ENDAD]º[R] / DIOGO DE MELLO P[ERE]Y[R]A / DE BERTIANDOS. / NO. ANNO DE / 1641.

Um dos balios que se lhe seguiu, frei Martim Álvaro Pinto, foi o reedificador da “pequena igreja” – como a qualificaram, em 1758, o reitor Francisco Xavier de Oliveira Barros Leite e o vigário António Luís da Cunha. Mais explicaram os memorialistas que o comendador e balio de Leça acrescentara a Igreja tanto “coanto soube no possível do territorio e arte” (Lopes, 2005: 230). Sobre o território deveriam referir-se à exiguidade do rechão onde fora fundada a velha Igreja, herdeira do eremitério medievo e cuja ampliação obrigou a profundas alterações na estruturação e reposicionamento do edifício. Quanto à arte, referiam-se com certeza ao investimento na remodelação e acréscimo de mobiliário e património integrado ao gosto barroco, que reflete bem a proveniência e o estatuto do seu mentor.



Casa da Comenda (Celorico de Basto).



Pedra de armas.



Reprodução do retrato de Diogo de Melo Pereira. Fonte: V. C. M. (Arquivo Câmara Municipal de Ponte de Lima).

D. Martim Álvaro Pinto era irmão do grão-mestre da ordem de Malta, Manuel Pinto da Fonseca (1681-1773), um dos dois portugueses que marcaram a política e diplomacia pelo controlo do mediterrâneo ao longo do século XVIII. O outro foi o seu antecessor, Manuel Pinto de Vilhena (1663-1736), filho do primeiro conde de Vila Flor. Pertenciam ambos às famílias da nobreza terra-tenente da região de Lamego e alcançaram, ao longo dos séculos XVII e XVIII, uma posição difícil de igualar nos contextos político e aristocrático da Europa moderna, tendo cada um deles afirmado o seu nome e dos seus a partir daquela pequena ilha.

⁹ Sobre a inscrição alça-se a pedra de armas: escudo português, dividido em pala, sobre cruz de Malta; no primeiro campo, as armas dos Melos (sobre cruz de ouro, acompanhada de seis besantes); no segundo, as dos Pereiras (cruz florida, vazia do campo). A inscrição foi já transcrita por Craesbeek (1992: 350).



Fachadas norte e ocidental.

Administrando o vasto património da ordem em Portugal, os malteses trouxeram até si o gosto e os artífices que marcavam o panorama cultural europeu, a partir da Península Itálica ou da França, via Malta. Devemos recordar que num vasto território situado entre Tâmega, Douro e Paiva, entre Vila Real e Viseu, os balios, freires e grão-mestres de Malta moveram esforços para deixar, por via da arte, a sua marca, tendo Lamego como epicentro desta influência. Nesta cidade, onde nasceram alguns dos mais importantes nomes da velha ordem militar, ficaram testemunhos da sua origem familiar e do seu gosto, como a obra de arte total que constitui a ermida do Desterro (Lamego), fruto do voto de um balio e comendador de Poiães, frei Lopo Pereira de Lima, irmão do já citado Diogo de Melo Pereira. Outrossim, deve-se a um maltês¹⁰ a encomenda dos primeiros trabalhos a Nicolau Nasoni (1691-1773) e a sua deslocação a Portugal, tão decisiva para o estímulo das artes barrocas no norte do reino.

Na inscrição que o comendador Martim Álvaro mandou apor sobre o pórtico da Igreja de Veade ficamos a saber um pouco mais sobre a sua proveniência:

ESTA IGR.A MANDOV REEDIFICAR DE NO
VO. O COMENDADOR FR MATIM [SIC] ALVARO PINTO
DAFONS.A E SOUZA DA CAZA DE CALVILHE
ANO 1732¹¹

¹⁰ Roque de Távora e Noronha (1706-1743). Era irmão do deão da sé do Porto que encomendou a Nasoni as obras na catedral, em 1725.

¹¹ No remate do arco que emoldura o pórtico exhibe-se a pedra de armas do comendador: escudo de forma irregular, querendo talvez imitar o de tipo italiano, esquartelado para Sosas (Arronches); Pintos; Fonseca e Manuéis (embora este último quartel esteja mal representado).



A Casa de Calvilhe, situada nos arredores de Lamego, próxima à estrada real que ligava a cidade duriense com a estremadura castelhana, foi sede de um poderoso morgadio a que se vinculavam, nos séculos XVII e XVIII, vários indivíduos cuja importância, estatuto e prestígio se alcançam pelos lugares e postos por eles ocupados na hierarquia do Estado. A ascendência materna de frei Martim Álvaro procedia desta Casa, embora quer o pai, Miguel Álvaro, quer a mãe, Ana Teixeira, descendessem ambos da linhagem dos Pintos, notabilizados e vastamente recompensados pela sua fidelidade à Casa de Bragança¹².

É, pois, na órbita desta família e desta instituição – a ordem de Malta – que devemos entender as importantes reformas setecentistas na Igreja de Veade e que, de certa forma, contradizem ou, pelo menos, minimizam a ideia corrente de que os comendadores apenas “comiam” os benefícios nos quais eram providos, sem qualquer retribuição. O investimento em edificações ou reedificações, embora dispendioso, possibilitava que os seus mentores deixassem uma marca do seu prestígio e poder, estimulando muitas vezes a afluência de fiéis, peregrinos ou ofertantes ao novo ou renovado espaço.

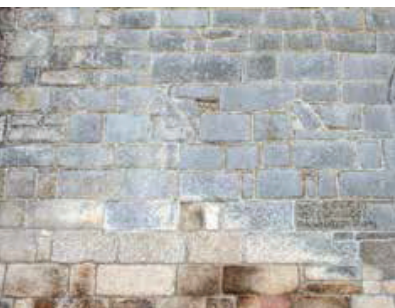
¹² O seu solar, chamado de torre de Chã, situava-se no concelho de Ferreiros de Tendais (Cinfães), incorporado nos domínios da Casa de Bragança desde a fundação desta.

A "NOVA" IGREJA

A reedificação assinalada pela inscrição de 1732 traduz-se na reorientação da cabeceira e acréscimo de uma capela maior, a oeste. Na impossibilidade de ampliar a velha Igreja, de pequenas dimensões, a este, manteve-se o eixo original e virou-se a fachada às Casas da Comenda que Diogo de Melo Pereira mandou edificar em 1641. Como se sabe, a Época Moderna foi frutuosa na substituição ou ampliação das primitivas cabeceiras românicas por outras de grandes dimensões para poderem, entre outros aspetos, vir a albergar os retábulos-mores de grande aparato que o barroco tão carinhosamente concebeu. Recordem-se aqui os casos de São Vicente de Sousa (Felgueiras) ou de Santa Maria de Barrô (Resende). Sendo que as Casas da Comenda tinham sido já edificadas há quase um século, e tendo em conta a qualidade e o impacto que a sua fábrica teria sobre o resto da freguesia, a mera substituição da cabeceira em Veade iria, seguramente, abafá-las.

Além disso, o século XVIII, leia-se o barroco, abusou da criação de espaços públicos que permitissem a fruição das suas construções monumentalizadas. É, pois, com base nestas premissas que devemos entender a reedificação de 1732 e a reorientação da Igreja de Veade que, agora com a sua fachada principal voltada a este, criava um conjunto de aparato confrontante com as Casas da Comenda.

317



Fachada norte. Nave. Paramento.

No entanto, menos compreensível, pelo menos do ponto de vista pragmático, é a conservação das paredes e vãos laterais a norte e sul, opção que manteve a fábrica e decoração românicas. Uma análise atenta do alçado norte da nave permite-nos identificar, através de um ressalto ao nível do paramento e da própria cornija, onde se encontraria a fachada primitiva. Mais dúbia, no entanto, é a identificação do local onde começaria a capela-mor românica. Na zona do paramento entre o portal lateral e o cunhal nordeste da Igreja encontramos um aparelho extremamente irregular, ao nível da forma e da pigmentação, resultante seguramente de reaproveitamentos de silhares da época românica. O reaproveitamento de silhares era bastante comum nesta época de reconstruções e de profundas alterações das primitivas planimetrias das igrejas românicas. Na bacia do Sousa, a Igreja de Santa Maria de Airães (Felgueiras) é bem disso testemunho, pois sabemos que foi à roda de 1776 que foi ampliada para três naves, reaproveitando-se silhares da edificação mediévia, conforme atestam as suas siglas¹³.

Não terá sido, contudo, apenas por uma questão de valorização da sua antiguidade que se conservou uma parte significativa dos alçados laterais. Uma questão prática (e económica) poderá estar na origem da preservação de parte dos paramentos românicos laterais.

Porém, se a ideia de uma Igreja não totalmente reedificada parece colidir com os desejos reformistas do comendador Martim Álvaro, certamente que uma obrigação de cariz iluminista obrigou o eclesiástico a deixar para memória dos vindouros parte desse monumento tão antigo aos seus olhos como aos das gentes de Veade. Assim o parece confirmar a afirmação dos memorialistas de 1758: “na parede da Igreja velha pella parte de fora da banda do Norte se achava

¹³ Para um maior desenvolvimento deste assunto veja-se Botelho (2010b).

hum letreiro esculpido em hua pedra em letra gotica [...] cuja pedra deixou ficar o Padroeiro que reedificou e fes de novo a Igreja Matriz na mesma parte e citio donde estava deantes” (Lopes, 2005: 232).

Não deixa de ser curiosa a valorização deste “letreiro” epigrafado “em letra gótica”. Não nos podemos esquecer que por esta época ainda não havia uma compartimentação da história da arte como hoje temos e que, ainda na senda dos conceitos afirmados durante o Renascimento Italiano, o termo “gótico” passou a ser entendido enquanto sinónimo de “Idade Média” e a estar, por assim dizer, associado a uma longa diacronia histórica¹⁴.

A qualidade dos elementos decorativos românicos é ressaltada na única descrição, apesar de lacónica, que possuímos do edifício medieval e que nos apresenta Francisco Craesbeeck. Segundo o memorialista, era Igreja “muito antiga, como se vê do arco da capella mor, de obra de pedraria muito singular; e o mesmo mostra o da porta principal e das duas travessas da dita igreja; he duma só nave e não grande” (Craesbeeck, 1992: 348). Pena foi que a vontade de reorientação da Igreja tenha levado à perda do portal principal românico, aqui glosado. A ele, ou ao arco triunfal primitivo, devem ter pertencido as várias peças avulsas que ainda hoje se podem apreciar quer nos anexos da sacristia da própria Igreja, quer no Núcleo Museológico de Arqueologia, espaço contíguo à Biblioteca Municipal Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, em Celorico de Basto. Tratam-se de aduelas, parcelas de frisos enxaquetados ou de capitéis, que em parte repetem motivos que se apreciam nos portais laterais ou, então, temas comuns à região, dos quais destacamos a composição capitelar que trata o tema *Daniel na cova dos leões*, também presente em Travanca (Amarante) ou em São Martinho de Mouros (Resende). Como se sabe, é no românico irradiado a partir da sé de Braga que encontramos a origem desta representação tão querida que foi ao românico das bacias dos rios Tâmega e Douro.

318



Sacristia. Elementos decorativos românicos avulsos.



Biblioteca Municipal Prof. Marcelo Rebelo de Sousa
– Núcleo Museológico de Arqueologia. Capitel.

¹⁴ Para um maior desenvolvimento deste assunto veja-se Botelho (2010a: 29 e ss).



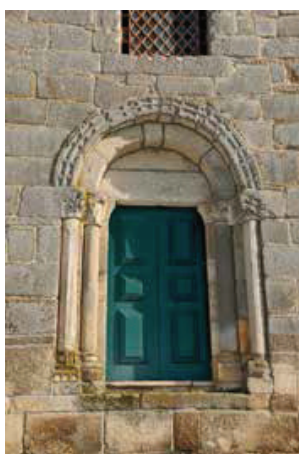
Fachada norte. Nave. Portal. Tímpano, arquivoltas e capitéis.

A julgar pelos vestígios remanescentes, podemos asseverar que esta integrar-se-ia entre os melhores trabalhos dos nossos artífices românicos. As parcelas conservadas, devedoras da escola que se desenvolveu na sequência de Braga-Rates, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, tornam a Igreja de Veade do mesmo período da Igreja do Mosteiro do Salvador de Travanca, de Santa Maria de Pombeiro e do Salvador de Unhão (ambas em Felgueiras), ou ainda de São Romão de Arões (Fafe) (Almeida, 1986: 102), pelo que a cronologia dos elementos que hoje podemos apreciar, integrados numa Igreja de acentuado sabor barroco, devem ser datados de inícios ou da primeira metade do século XIII (Almeida, 2011: 124). Não nos podemos esquecer da origem bracarense de Gomes Alvites que, antes de 1258, vendera esta Igreja, com seus casais, à ordem do Hospital.

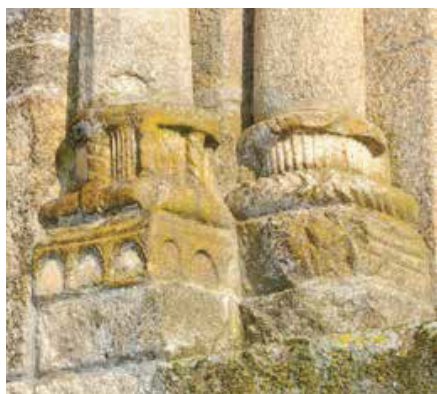
319

Vimos já que, em 1732, a Igreja foi reconstruída no sentido de lhe ampliar a espacialidade, o que obrigou à sua reorientação. Aceitamos que se tenham preservado parcelas significativas de paramento românico e que estas envolvem precisamente os portais laterais. No entanto, contrariamente ao que tem vindo a ser afirmado (Barroca, 2000: 271), não defendemos uma reconstrução integral destes portais. Foram mexidos, é certo, mas não reconstruídos. Tal hipótese é-nos dada pela suposta localização da primitiva capela-mor românica, pois, por aquilo que conhecemos, os portais laterais estão geralmente rasgados próximos desta e, embora a maior parte das igrejas românicas portuguesas tenha apenas uma nave, estes ocupam a área onde poderia ter existido um transepto.

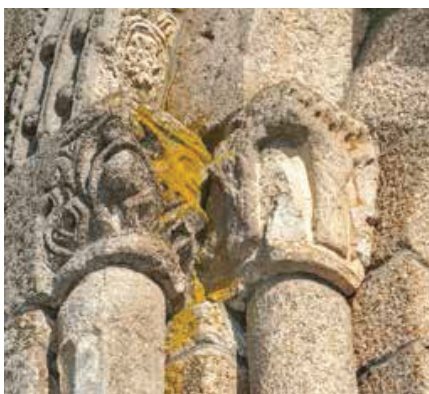
No que toca ao portal lateral, hoje do lado norte, há dois elementos que, na sua proximidade, justificam que este tenha sido mexido durante a intervenção setecentista: a localização da inscrição do óbito de Dórdia Gomes (que mais parece aqui colocada à força) e a abertura do janelão retangular sobre o mesmo. Desde logo se destaca a sua posição atual, quase a meio da fachada e não cumprindo as funções para que foi concebido, fruto do rebaixamento do



Fachada norte. Nave. Portal.



Fachada norte. Nave. Portal. Bases.



Fachada norte. Nave. Portal. Capitéis.

pavimento, certamente devido à abertura da estrada contígua à Igreja. Atente-se, aliás, à grande diferença da coloração do granito na parte inferior de todo o alçado e ao facto de estarem visíveis as fundações da Igreja nas proximidades do cunhal noroeste, na zona do arco triunfal.

Conforme nos informa Carlos Alberto Ferreira de Almeida, este portal encontrava-se entaipado, tendo apenas sido posto a descoberto em meados do século XX, numa reforma que foi então realizada (Almeida, 1978: 279). Também podemos encontrar aqui uma justificação para o seu aspeto algo mexido, embora bem conservado. Compõe-se de duas arquivoltas plenas sustentadas por duas colunas. A arquivolta interna, tendo em conta a coloração do granito, pode não ser a sua primitiva. O mesmo já não acontece com a exterior, muito ornamentada: no extradorso das aduelas, uma composição definida por escócias ornadas com esferas, tema comum à região e que se multiplicará na próxima Igreja de Ribas (Celorico de Basto). As escócias são separadas entre si por duplo e elegante toro e delimitadas, no exterior, por um friso com motivos encordoados e, no interior, por pequenas flores estilizadas que se repetem no intradorso da aduela. A face interna desta mostra motivos vegetalistas e fitomórficos relevados e, na que se encontra imediatamente à esquerda do fecho da arquivolta, aprecia-se uma cruz patada. No Núcleo Museológico da Biblioteca de Celorico de Basto existe, em exposição, uma aduela que repete esta elaborada composição. Embora bastante deteriorados pela ação do tempo, os capitéis e as bases deste portal confirmam que estamos diante de uma oficina de caráter regional que interpretou formas eruditas – há aqui uma evidente aproximação compositiva (mas não temática) com alguns dos motivos do portal principal de Santa Maria de Pombeiro –, e as adequou à escala local. Não deixa de ser significativa a ausência de impostas que, no portal confrontante, assumem um papel de destaque.

Destacam-se, neste portal sul, as sereias de dupla cauda que ornem as primeiras aduelas de cada uma das duas arquivoltas que lhe dão corpo, timidamente ultrapassadas, conforme também se comprova a partir do interior. As colunas, com fuste liso e prismático, estreitas e elegantes, têm os seus capitéis muito bem conservados, deixando-nos adivinhar a qualidade dos do portal norte. Com relevo algo túrgido, impera a temática vegetalista e fitomórfica (criando composições semelhantes às dos capitéis do arco triunfal de Fervença (Celorico de Basto)), o



que não invalida que se tivesse concebido animais afrontados na esquina do capitel. Nas impostas, figuras híbridas esculpidas mostram o seu rosto, ao modo de mascarões, no ângulo. As bases também estão ricamente ornamentadas.

Estamos, pois, em Veade diante de um característico testemunho de românico tardio e de um excelente exemplo de como se afirma uma oficina regional de decoração românica, já plenamente assumida, e à qual se deve a melhor escultura de então: Pombeiro, Unhão, Ferreira (Paços de Ferreira), Travanca, etc. (Almeida, 1986: 102).

É, no entanto, na leitura do alçado norte, como se pode depreender, que podemos alcançar mais dados relativos à primitiva fábrica românica. Tendo em conta o recurso a um outro tipo de paramento na parte superior do alçado, cremos que poderá ter havido um alteamento dos alçados laterais primitivos reaproveitados. Tal facto não invalidou que se reaproveitassem cachorros primitivos e, na falta destes, se acrescentassem alguns lisos ao conjunto. No lado norte também persistem cachorros.

Há, no entanto, um elemento de difícil interpretação em Veade. Trata-se das cicatrizes de arcos que se veem de ambos os lados da nave, junto da fachada principal. São mais evidentes no lado sul. Tratar-se-iam de cicatrizes de arcossólios, embora fosse comum a preservação destes elementos conforme se vê em Real (Amarante) ou em São Vicente de Sousa? Ou seria um elemento decorativo que se aproximaria daquelas profundas arcadas cegas que ornaram a cabeceira de São Romão de Arões? Nada mais podemos adiantar.

Interiormente, porém, pouco resta da organização medieval. Todo o espaço foi alterado para receber a fundação dos vários altares laterais e colaterais, que conservam a sua posição original, como descreveram os memorialistas de 1758:

“Tem coarto Altares e da capela mor e tres colatraes no corpo da Igreja todos de novo a saber a Tribuna do Altar Mór em que se acha colocado o Santissimo sacramento, no sima tem a Imagem da Padroeira de vulto, da parte do Evangelho a sagrada Imagem da Senhora do Rosario de vestir, e da Epistola a Imagem do glorioso Martir Sam Sebastiam, no corpo da Igreja da parte do Evangelho junto ao Archo tem o Altar de Nosso Senhor Jezus Christo Crucificado e tem as imagens da Senhora das Candeyas, o Menino Deos, Sam Brás Sam Gonçalo e Santa Luzia, e da parte da Epistola em comrespondencia o Altar do Senhor Santo Antonio tendo em comrespondencia a Imagem do Precursor de Christo o Senhor Sam Joam baptista e no meyo do Altar entre ambos se acha a Sagrada Imagem do Senhor Ecce Homo. [...] § Proximo a este Altar da mesma parte se acha o coarto Altar que he do Senhor da Boa Morte que se acha em hum tumulo de madeira bem dourado por dentro, e por fora jaspicado em Marmore e coberto com hum pano de damasco roixo; he altar de pedra branca labrada, tem hum coadro primorozamente pintado com a Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Soledade, Sam João Evangelista, Santa Maria Madalena e as mais Santas Marias e Santos Varoens retracto do descendimento da Crus, foi colocaçam que de novo fes o mesmo Padroeiro que reedificou a Igreja (...)”¹⁵ (Lopes, 2005: 230).



Fachada sul. Nave. Cicatrizes de arcos.



Vista geral do interior a partir da nave.

As alterações mais significativas que devemos registar, operadas entre a descrição setecentista e a atualidade, prendem-se com a disposição das imagens e certas intervenções de conservação ao nível dos douramentos da talha que não são já os que mandara executar o padroeiro em 1758¹⁶.

Do retábulo maior foram retiradas as imagens da Virgem do Rosário (de roca) e de São Sebastião, sendo esta exposta numa mísula na parede norte da nave. O altar dedicado a Cristo crucificado parece ter sido o que sofreu as maiores alterações a nível de imaginária devocional. Albergava uma notável coleção de esculturas, cujas invocações denotavam o apego popular a certas entidades propiciatórias como São Brás, São Gonçalo e Santa Luzia, três hagioterapeutas particularmente venerados em santuários locais e regionais. A imagem de São Brás transitou para o retábulo em frente, dito de Santo António. Desconhecemos o destino das restantes imagens e das supracitadas esculturas da Virgem das Candeias e do Menino Jesus, sendo que tal acervo remontaria a cronologia anterior a 1758.

Quer o retábulo da Crucifixão, quer o que lhe é oposto e simétrico, denominado de Santo António, apresentam uma linguagem artística, iconográfica e simbólica que se complementa. Apesar de localizados na nave, cujo espaço se encontrava a cargo dos fregueses, ambos ostentam as armas do padroeiro, frei Martim Álvaro Pinto, com ligeira alteração na posição dos campos do escudo¹⁷. O primeiro, na parede norte, exhibe no ático uma pintura de São Francisco recebendo os estigmas. O imitador de Cristo, ajoelhado, abre os braços para o crucifixo de onde partem linhas ou raios vermelho-sangüíneo que ligam as chagas de Cristo ao corpo do tauma-

¹⁶ "Todos os mais altares sam dourados de novo obra do mesmo padroeiro" (Lopes, 2005: 230).

¹⁷ Em relação à pedra de armas aposta sobre a porta principal, o segundo quartel que ali é de Pintos, em ambos os brasões dos altares colaterais, troca com o de Fonseca.



Capela-mor. Retábulo-mor.

turgo. O segundo retábulo a sul, no mesmo local, explora outra representação muito cara à iconografia franciscana, a prédica de Santo António aos peixes. A composição e o traço pouco preciso de ambas as pinturas confirmam a mesma autoria, artífice pouco dotado que deve ter trabalhado com o entalhador e demais executantes dos dois retábulos.

Tal como o corpo da Igreja, a obra destes retábulos incorpora várias cronologias expressas na gramática da talha: uma de clara temática e desenho maneiristas e outra ao gosto do tempo da reedificação (1732), que incorpora motivos do barroco dito nacional, nomeadamente no friso que emoldura o conjunto (decorado por anjos, conchas e aves), nas aletas e nos remates impostos às pinturas do ático. Entre estas e a referida moldura, pinturas com grinaldas unidas por uma fita e todo o conjunto rematado por um laço fazem a transição entre ambos os trabalhos, maneirista e o barroco nacional, completando um espaço que, deixado em branco, perturbaria a visão do conjunto.

No retábulo da Crucifixão, o olhar centra-se na pintura que representa a repetida cena do *Calvário*. De traço grosseiro, uma Virgem dolorosa envolta num manto arroxeadado e um São João Evangelista efeminado, envergando uma túnica alva e uma capa vermelha, dirigem o olhar para um Cristo moribundo que não parece corresponder ao crucifixo que foi integrado na pintura: cruz de pequenas dimensões (em relação às imagens que o acompanham) onde artífice menor desenhou um Cristo sofredor, mas sereno, como que preso de perfil ao madeiro, tendo aos pés as ossadas e o afloramento rochoso que caracterizam o Gólgota. Dir-se-á que tal elemento foi arrancado a um qualquer cruzeiro da beira de um caminho e trazido aqui para servir de crucifixo. É natural, porém, que fosse destinado a este retábulo um crucifixo com imagem



Nave. Parede sul. Retábulo.



Nave. Parede sul. Pormenor da pintura. Calvário.

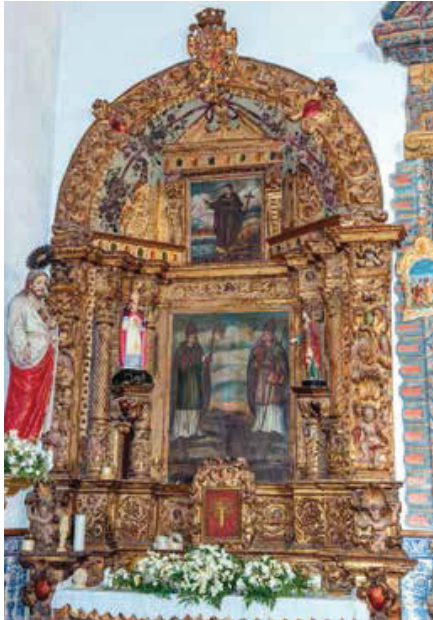
de vulto, de dimensões mais adequadas à veneração, sendo o observador confrontado com uma leitura da cena mais de acordo com o trabalho de conjunto pensado para este altar, numa ponte entre o trabalho pictórico e a imaginária, objetivo que, de resto, os artistas tentaram alcançar ao longo do século XVIII¹⁸.

Do mesmo período do acervo pictórico já referido é a pintura que apresenta, frente a frente, os bispos *São Brás e São Frutuoso*. A etnografia religiosa regista a devoção a ambos como hagioterapeutas ou taumaturgos especialmente invocados contra males do corpo: o primeiro, advogado contra as doenças de garganta, e, o segundo, contra as mordeduras de cão danado. É provável que a execução das pinturas, representando-os como dois sécios prelados, tivesse como finalidade coartar a vulgarização dos dois santos, apresentando-os no seu múnus episcopal, abençoando e divulgando a Palavra Sagrada¹⁹. Outrossim não podemos esquecer o significado e a força da presença num retábulo de uma Igreja comendatária de um bispo bracarense, de certa forma um aviso sobre jurisdições que importava respeitar. São Frutuoso foi um dos primeiros prelados da diocese dumense e depois da bracarense, tendo nascido em Astorga no século VII.

Quase encostado ao retábulo dedicado a Santo António de Lisboa encontra-se o altar denominado, em 1758, como do Senhor da Boa Morte. De facto, toda a estrutura pretende exaltar

¹⁸ Relacionado com a temática e a devoção a Cristo e à Sua Paixão está a Via Sacra que, da Igreja de Veade, conduzia a um pequeno cume a este do templo. Ainda visíveis são as bases das cruzes perante as quais paravam os préstitos pascais. No final, um belíssimo conjunto de quatro cruzeiros em granito, finamente lavrados, marcava o lugar da Crucifixão e do sepulcro. Na última cruz, que marca o local do Enterro do Senhor, numa arca destacada do primeiro registo, logo acima dos dois degraus, exhibe-se o caixão do Senhor, numa curiosa e algo excêntrica alusão ao Corpo enquanto Tesouro guardado em "relicário" de pedra.

¹⁹ É muito semelhante a representação iconográfica de ambos os santos bispos, distintos apenas pelos atributos (São Frutuoso transporta um livro, fechado, na mão esquerda), pela cor da alva (a de São Brás é verde e a do bispo bracarense de cor vermelha) e pela legenda aos pés das figuras: S. BRAS e S. FRVT.O.



Nave. Parede norte. Retábulo.



Nave. Parede norte. Pormenor da pintura. São Brás e São Frutuoso.

a condição jacente de Cristo, cujo corpo (imagem de madeira do tipo roca com membros articulados) se encontra exposta numa urna de madeira envidraçada colocada sobre a banquetta. O retábulo, construído ao modo de pórtico, é do mesmo executor que elaborou o portal e a decoração da fachada. Um frontão semicircular, ao centro do qual se exhibe a cruz de Malta, assenta sobre entablamento e pilastras ao modo jónico. O conjunto, embora designado pelos memorialistas de 1758 como de “pedra branca labrada” foi revestido a pinturas, nomeadamente com motivos marmoreados que pretendiam acentuar a nobreza da estrutura. Ao centro, o já referido “coadro primorosamente pintado” que, embora de mãos diversas das que executaram os painéis atrás referidos, não deixa de enquadrar-se num contexto de produção local ou regional, da autoria de artífice pouco dotado. Nesse sentido e um pouco ao contrário de alguns dos seus familiares, antecessores e predecessores comendatários, frei Martim parece não ter usado a rede de influências da ordem de Malta para trazer a Veade artistas da vanguarda europeia ou nacional, tendo empregado mão de obra do aro ou circuito regional.

No retábulo maior, a ornamentação cenográfica parece querer criar uma grandiosidade que a Igreja primitiva não teria. Embora pareça estar comprimido num vão demasiado redutor para o seu aparato, ainda assim, o trono eucarístico sobrepujado pela abóboda semicircular e por uma sanefa de onde pendem cortinados que dois anjos seguram, conferem ao conjunto uma certa monumentalidade. Inscreve-se esta estrutura no período designado como do barroco nacional, caracterizado pelo uso exagerado de *putti*, aves, motivos florais, colunas torsas e outros elementos.

A ornamentação da capela-mor é completada com um friso de azulejos do século XVIII, cujos motivos foram desenhados a azul-cobalto, recorrendo a um modelo de cercadura na parte superior muito comum ao século XVIII, composto por motivos vegetalistas que desenham “s”



Nave. Parede norte. Retábulo. Cristo jacente.

horizontais encadeados. Na parte inferior do conjunto, uma barra formada por amplos enrolamentos desenhados sobre quatro azulejos (2x2). Na área central, uma composição simétrica desenvolve-se em toda a extensão do friso, intercalando duas tipologias de jarras e vasos floridos.

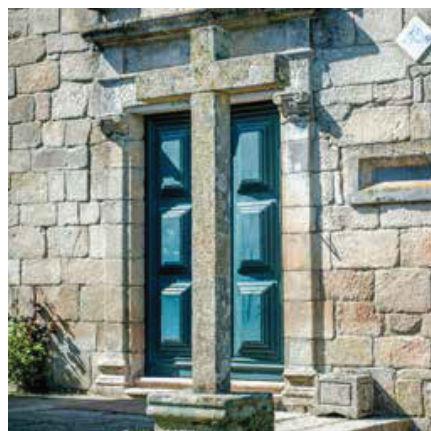
A partir daqui surge o silêncio. Não estando classificada, pouco sabemos do que terá vivido a Igreja de Veade ao longo do século XX. Além da referência feita por Carlos Alberto Ferreira de Almeida a uma obra realizada em meados do século (1967) (Avellar, 2005), da qual resultou o desentapamento do portal norte, por se ter removido o revestimento caído do exterior da Igreja, prática habitual à época.

Na década de 1980 foi restaurado o retábulo-mor e, já a cargo da Câmara Municipal de Celorico de Basto, na transição do século XX para o XXI, deu-se particular atenção ao arranjo da zona envolvente, de que salientamos, além da construção de um novo arruamento e do arranjo do adro, a recuperação das cruzes danificadas da Via Sacra, bem como do espaço envolvente de cada uma delas (Avelar, 2005).

Em 2010, a Igreja de Santa Maria de Veade passou a integrar a Rota do Românico. [MLB / NR]



Fachada sul. Nave. Portal antes das intervenções da DGEMN (1963). Fonte: arquivo IHRU.



Adro. Cruz da via sacra.

CRONOLOGIA

1159: a "meana" Dordia Gomes foi sepultada em Veade;

Século XIII: a Igreja particular de Veade encontrava-se vinculada à estirpe dos Guedeões;

Século XIII (1.ª metade): edificação da fábrica românica de Veade, de que remanescem alguns trechos significativos;

1220: as *Inquirições* de D. Afonso II referem-se ao "monasterium de Bialdi", embora a Igreja de Veade fosse já ao tempo um templo paroquial;

Antes de 1258: o cónego bracarense Gomes Alvites vendeu a Igreja de Veade e todos os casais à ordem do Hospital;

1641: edificação das Casas da Comenda por encomenda de Diogo de Melo Pereira (fal. 1666);

1732: segundo a inscrição gravada no lintel do portal principal, a Igreja de Veade foi reedificada pelo comendador frei Martim Álvaro Pinto, da Casa de Calvilhe (Lamego);

Século XVIII (2.ª metade): conceção do recheio da Igreja (mobiliário litúrgico, talha e imaginária);

1967: obras de restauro da Igreja de Veade;

1980-1990: restauro do retábulo-mor;

Séculos XX-XXI: arranjos na envolvente da Igreja a cargo da Câmara Municipal de Celorico de Basto;

2010: a Igreja de Veade passa a integrar a Rota do Românico.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

[S.a.] – *Arcossólios com os carneiros mandados fazer por Frei Lopo Pereira de Lima para sua sepultura e de seu irmão Frei Diogo de Melo Pereira, na capela-mor do Mosteiro de Leça, de que ambos foram balios* [Material fotográfico]. Matosinhos: [s.n., s.d.]. Arquivo da Câmara Municipal de Ponte de Lima. Disponível em [www: <URL: http://www.cm-pontedelima.pt/figura.php?id=5>](http://www.cm-pontedelima.pt/figura.php?id=5).

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Arquitectura românica de Entre Douro e Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1978.

_____ – *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

_____ – *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

AVELLAR, Filipa – *Igreja paroquial de Veade/Igreja de Santa Maria* PT010305220029 [Em linha]. Lisboa: IHRU, 2005. [Consult. 26 de maio de 2011]. Disponível em [www: <URL: http://www.monumentos.pt>](http://www.monumentos.pt).

BARROCA, Mário – *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BARROS, João de – *Colecção de manuscritos inéditos agora dados à estampa V: geographia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1919.

BOTELHO, Maria Leonor – *A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010a. Dissertação de doutoramento em história da arte portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

_____ – *Santa Maria de Airães: transformações e vivências de uma igreja românica*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras, 2010b.

CORREIA, António Mendes [et al.] – Veade. In *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1965. Vol. 34.

COSTA, A. Carvalho da – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...* Lisboa: Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712.

CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias ressuscitadas da província de Entre-Douro-e-Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Carvalhos de Basto, 1992.

FALCÃO, Luiz Figueiredo – *Livro em que se contém toda a fazenda e real património...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

FIGUEIREDO, José Anastácio de – *Nova história da ordem de Malta...* Lisboa: na Officina de Simao Thaddeo Ferreira, 1800.

JUNIOR, José Marques Abreu – *Igreja paroquial de Veade / Igreja de Santa Maria. Fachada lateral esquerda: porta travessa* [Material fotográfico]. Celorico de Basto: [s.n., 1963]. Arquivo do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (ex-DGEMN). N.º Inventário IPA.00008761, FOTO.00067491.

329

LOPES, Eduardo Teixeira – *A terra de Celorico de Basto na Idade Média: inquirições régias*. [S.l.: edição de autor], 2008.

_____ – *O século XVIII nas freguesias do concelho de Celorico de Basto: memórias paroquiais*. Celorico de Basto: [edição do autor], 2005.

M., V. C. – *Retrato de frei Diogo de Melo Pereira: óleo sobre tela (CB)* [Material fotográfico]. [S.l.]: [s.n., s.d.]. Arquivo da Câmara Municipal de Ponte de Lima. Disponível em [www: <URL: http://www.cm-pontedelima.pt/figura.php?id=5>](http://www.cm-pontedelima.pt/figura.php?id=5).

MACIEL, M. Justino – *As «Regulae Monachorum» e a arquitectura dos mosteiros na antiguidade tardia*. Porto: Centro de Estudos de Ciências Humanas, 1998.

SOTOMAYOR-PIZARRO, J. A. de – *Linhagens medievais portuguesas: genealogias e estratégias: 1279-1325*. Porto: Universidade do Porto, 1997. Dissertação de doutoramento em história da Idade Média na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.